SOBRE FLUVIÁRIO

Paralelo entre homem e rio / Fluviário foi publicado em 1972, pela Imprensa Oficial da Bahia, graças à iniciativa do seu diretor, o professor e jornalista Junot Silveira. Trata-se do segundo livro de Cid Seixas.

COMENTÁRIOS DE DRUMMOND, JORGE AMADO, CASSIANO RICARDO E VILMA GUIMARÃES ROSA

As variações poéticas em torno do homem e do rio me interessaram na medida em que traduzem a identificação do autor com o meio físico. Creio que esse tipo de poesia, uma vez tradado com expressão pessoal e viva, contribuirá para uma definição cultural mais nítida do país.

Carlos Drummond de Andrade

Cid Seixas revela uma força de expressão e um domínio da matéria poética que o situam na primeira linha da poesia brasileira *tout court*. Poesia madura, de emoção contida e profunda, de beleza grave e meditada.

Disse mais acima que, num buscado despojamento, numa oposição ao bar-

roco, tão caracteristicamente baiano, Cid Seixas encontra o caminho, o leite onde flui sua poesia. Lembra-me ele, por isso mesmo, certos grandes poetas pernambucanos, Joaquim Cardozo, João Cabral de Melo Neto, Carlos Pena Filho, o inesquecível Carlos Pena, que nos foi roubado na ida atual de Cid Seixas. Há um parentesco entre esses pernambucanos e o baiano do Recôncavo; uma timidez que resulta em força e em decisão. Um parentesco que não é parecença nem muito menos imitação.

Pergunto eu, no prazer da leitura de *Fluviário*: quando crescer o poeta ainda mais – e crescerá com certeza –, quando do "pasto das águas" sair para os campos do mar-oceano, manter-se-á nos limites da contenção atual, ou os elementos tão poderosos da Bahia, o barroco, o trópico, o mistério denso, colorido, perfumado, se imporão sobre a continência atual, dando à sua poesia fronteiras ainda mais amplas? Só o poeta e o futuro poderão responder.

Jorge Amado

Agradou-me, porém, como é natural, renovar o contato com a jovem poesia baiana através do seu *Fluviário* – que teve a gentileza de me enviar.

A permanente pesquisa estética, a partir do movimento modernista de 22 – como você sabe – deve ser um dos pontos básicos do artista que se presa de o ser.

Noto em seu poema, além da preocupação com a unidade temática, uma ousadia que me chamou a atenção nas comparações que avança quando procura construir a linha paralela entre o homem e o rio. Vez por outra um dos dois cede sua posição assumindo o tom contrapontístico.

Mas o que importa é haver poesia e sob este aspecto, reafirmo o que já lhe disse em carta anterior.

Por exemplo:

O mar, aqui, não quis vir
pois não há senhor feudal
de pedra e água restrita.

Esta é, a meu ver, a prova de que não lhe falta a flama lírica, que faz um poeta capaz de alcançar o ponto que merece, entre os valores novos do nosso país.

Cassiano Ricardo

O rio das suas palavras tem curso preciso e arrasta uma ternura agreste, como a rosa de pedra da sua cidade mágica.

Vilma Guimarães Rosa

Só lhe posso dizer diante de "Engenharia de estrutura" que você já realiza com Inteligência e convicção o objetivo que se traçou.

A estrutura, entretanto, não exclui, para mim, um certo laivo de lirismo, não adocicado, mas severo, por ser – como ensina Cassirer – uma "condição humana prototípica".

Sei que pedra e cimento são hoje materiais de construção enobrecidos por poetas de vanguarda, embora venham

desde já os chamados “versos pétreos” de Dante.

O nosso Cabral “educa pela pedra” e o faz admiravelmente.

Você, a meu ver, pode tirar grande partido do seu estruturalismo poético sem “evitar frestas” para a emoção que é o alimento da forma, para que esta não se transforme em fôrma.

Cassiano Ricardo

DIDÁTICA DO RIO

1

Do rio o molde da fala
levas, sem saber, guardado:
líquido e saltitante,
por pedras interpelado.

Deste modo não entonas
único e reto dizer:
modulas em cachoeiras,
como os rios sabem fazer.

2

Do rio, a fala ligeira
como se fosse corrente
de água (que se aperta
na margem) quando fluente.

Do rio, o fugir constante,
o sempre ficar em mim
qual ritmo impassível
de um compasso sem fim.